

Giuliana Conceição Almeida e Silva¹

Apresentaremos neste trabalho a escrita memorialista e autobibliográfica de *Tianaalva Silva*, escritora da cidade de Cachoeira, situada no Recôncavo baiano, mulher subalternizada, que vivenciou as amarguras da vida desde a tenra idade, no entanto, superou-se e por meio das narrativas, materializou pela escrita suas venturas e desventuras vivenciadas nesse lugar. A referida escritora, não passou por instituições acadêmicas tendo a vida como a sua escola e as pessoas como seus professores.

A escrita para *Nalva* veio da infância sofrida como forma de refúgio. As suas histórias eram escritas em folhas de papel, que se perdiam com facilidade. Em 2008, Silva começou a guardar os seus textos, depois foi arrancado da gaveta pelas amigas para se tornar um livro impresso, publicado: *Entre o Rio e a Praça*. Diante do sucesso desse lançamento, veio o segundo livro: *Migrantes*.

Seus contos possuem uma escrita leve e com linguagem simples, onde *Tianaalva* narra acontecimentos vividos por outras pessoas e por ela mesma por meio da autobiografia, em que segundo Aurea (2015):

Não apenas narramos, como nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens, e nos encontramos nas histórias biografadas. Nossos saberes se entrecruzam a outros saberes e rememoramos nossas aprendizagens construídas nos caminhos e descaminhos das experiências vividas. (PEREIRA, 2015. P.3)

Tal escrita sofre a influência de histórias do interior, em algumas situações assume um leve, caráter de “fofoca”. Sabe aqueles contos curtos que você tem vontade de ser coautora e escrever várias versões? Nos dias atuais poderíamos realizar *funfics* com esses textos. Assim, são os contos escritos por ela, curtos e que nos deixam com a mente impulsionada a saber mais.

Nessa perspectiva este trabalho intenta analisar e refletir as narrativas autobiográficas de autoria feminina, representada por *Tianaalva Silva*. Ao se autobiografar, a referida autora personifica diversas vozes femininas cachoeiranas, que

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Crítica Cultural (UNEB/CAMPUS II). Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza García. Endereço eletrônico: giuli_almeida@yahoo.com.br.

se incorporam na diversidade de mulheres carregadas de vivências e impactadas por uma sociedade patriarcal heteronormativa. O problema apresentado nesta pesquisa é de que modo a ancestralidade feminina de *Tianalva Silva* se autobiografa e narra os corpos de mulheres oriundas da cidade de Cachoeira, Bahia?

Nesse sentido, o objetivo apresentado nesse trabalho é abordar na literatura de *Tianalva Silva* como os seres femininos: putas, velhas, donas de casa, jovens, trabalhadoras, lésbicas e candombeira considerados como pessoas distópicas cachoeiranas, enredadas por histórias, experiências e modos de vidas das personagens que se apresentam e resistem à imposição patriarcal cachoeirana.

Vale salientar que as narrativas autobiográficas e memorialista da autora podem ser compreendidas no eixo da pesquisa qualitativa e bibliográfica com leituras que retratam a autofuncionalidade aos estudos do feminismo de gênero e que são focos a serem produzidos no processo de análise.

Com o resultado dessa pesquisa, acredita-se por meio dos seguintes campos científicos: literário, sociológico e filosófico, os quais servirão como ferramenta para o entendimento do processo de exclusão e silenciamento de corpos femininos imposto pelo patriarcado, como também ser mais uma ferramenta para a ampliação dos estudos sobre o feminismo por meio da ficcionalidade literária.

A escrita de si como extensão do outro

O ato de falar sobre si e para tal fazer uso da memória, que de acordo com Bosi (2003): “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” Bosi (2003, p. 11).

A referida autora conta suas histórias de vida com maestria, mesmo que sua existência seja amarga, ela coloca pitadas de açúcar e nos presenteia com contos que nos fazem refletir sobre o quanto a nossa sociedade ainda precisa se humanizar, respeitar o direito da criança, das mulheres e de todo o cidadão. Essas vivências, nos fez perceber o quanto as nossas narrativas importam, como ela nos molda e nos constrói.

Ainda abordando sobre o ato de narrar, Momberger (2012) conceitua que a narrativa:

si constitui um dos lugares essenciais onde se constroem as biografias, ao mesmo tempo em que se apresenta como um meio de acesso privilegiado aos processos de biografização. Nas cartas que as mulheres ditam para as escrevedoras, elas não tão somente dão informações, mas narram sobre si, refletindo sobre suas aprendizagens na pesquisa e dando enfoque a memória biográfica de si. (DELORY-MOMBERGER, 2012. p. 33)

Essas narrativas de si são como construção e identidade do ser humano, que se estende a outras pessoas daquele lugar que vivenciam acontecimento similares. A autobiografia de *Tianalva* passa a ser também as vozes de tantas outras mulheres.

Os humanos se constroem a partir dessa capacidade de fabular as próprias histórias, narrando-as e refletindo as aprendizagens construídas ao longo da vida. Assim, cada um vai tecendo sua história e se constituindo simbolicamente. Ao contar histórias de vida a pessoa se metaforiza e se recria por intermédio das lembranças e imagens que vão se formando do “eu” e das experiências vividas nos diversos contextos e situações. PEREIRA, 2016. P.9)

Na autobiografia, apresentada por *Tianalva* ela apresenta lembranças de trabalho infantil, violências domésticas, traições, tentativas de moldar corpos femininos. Suas histórias se entrelaçam com tantas vivências de outras mulheres, as quais compõem um mosaico de histórias similares por meio da ficcionalidade.

O feminino e as vozes femininas que ecoam de *Silva*

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também pode reparar essa dignidade despedaçada.” (ADICHE, 2019. P. 32) Diante desse conceito apresentado por Chimamanda, pode-se afirmar que as histórias de vida se deslocam no tempo, pessoas e nelas mesmas e constituindo no que podemos chamar de individualidade, formando o arcabolo imaterial do ser humano.

Pesando nessa narrativa, que destroi a dignidade das pessoas, em especial, as mulheres, observa-se um conteúdo misógeno e machista sendo injetado constantemente no espaço social, gerando assim, um entrave ao empoderamento feminino, inclusive na produção literária, onde a mulher, com muita peleja e instância tem galgado, ainda que tardiamente, esse lugar que também é seu por direito.

. A maneira como as narrativas femininas chegam até nós, mulheres por meio das obras de *Marinalva* nos atravessam e fazem com que tornemos parte dessas histórias, principalmente por meio da escrita literária, onde há uma concretização desses contos

em nossa persona e em nossa existência, fomentando uma sensação do que nos compoe, nos molda e daquilo de que foi feito, quem nos antecedeu e que de alguma forma ainda sobrevive em nós, nas nossas multiplas narrativas.

Haja vista, Segundo Hooks (2019):

Como a maioria dos homens, a maioria das mulheres é ensinada desde a infância a crer que dominar e controlar outras pessoas é a expressão básica de poder. Mesmo que ainda não estejam combatendo e matando em guerras militares, que não tenham a mesma importância que os homens na definição de políticas de governo, as mulheres, junto com a maioria dos homens, acreditam na teoria dominante da cultura. (HOOKS, 2019.p.134)

Essa chaga da “narrativa única” (ADICHE, 2019) que oprime, formam opressores e oprimidos cria um abismo social que dificulta o acesso de espaços de poder para as mulheres, inclusive no ambiente escrito literário.

No entanto, a luta de muitas mulheres para abrir as portas e alcançar os espaços de poder dominados por corpos masculinos, soa em nós como um ninho que acolhe, protege, mas também, ensina a voar. Ampliando a compreensão do que nossas ancestrais pretendiam e conquistaram, deixando um legado para a nossa literatura de autoria feminina, onde se arrancou os escritos para sempre das gavetas, folhas soltas e dos diários lacrados por cadeados e apresentou suas obras literárias ao mundo, a exemplo de *Tianalva Silva*.

As mulheres descritas pela autora são mulheres simples: donas de casa, putas, mulheres periféricas, mas que encontram caminhos para se libertarem e ir em busca da felicidade, vão de encontro a dominação patriarcal, sim, elas resistem.

Para Regina Dalcastagnè (2007), aí residem os motivos da persistência do embate entre a mulher e a sociedade sobre o controle desse corpo:

O corpo feminino é um território em permanente disputa. Sobre ele se inscrevem múltiplos discursos — vindos dos universos médico, legal, psicológico, biológico, artístico etc. — que não apenas dizem desse corpo, mas que também o constituem, uma vez que normatizam padrões, sexualidade, reprodução, higiene. A questão é que esses lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados predominantemente por homens, instalados, é claro, em sua própria perspectiva social. A dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. E, como —o olhar não dobra a esquina, alguma coisa sempre se perde. Isso não é diferente na literatura. (DELCASTAGNÈ, 2007)

Assim, ressaltamos a importância do estudo e análise de como se apresentam os corpos femininos nesse estudo à luz da literatura, considera-se, um ato político e libertador, uma vez que o autoritarismo da narrativa dominadora e do patriarcado

presentes nas obras de *Tianalva*, percebe-se o controle sobre corpos e mentes de mulheres simples para cumprir seus fins de dominação, deixando marcas tatuadas, que ainda, na atualidade, muitas de nós mulheres carregamos vítimas do cumprimento ou negação das determinações opressoras.

A distopia como diálogo de opressão patriarcal

Nas narrativas de *Tianalva*, a capacidade de averiguar a realidade e transformar em arte literária é evidente. O que chama atenção é a sensibilidade e o olhar feminino para a construção de narrativas não apenas de outras mulheres, mas também de diversos corpos e nas mais diversas situações de vulnerabilidade social. O poder de observação e a sabedoria da ancestralidade feminina que ela traz na sua voz ao narrar é que dá a riqueza as suas produções literárias.

Os seres apresentados por *Tianalva* são pessoas que, segundo Fromm (2009) “expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós medieval” (FROMM, 2009. p. 269).

Ao utilizar a distopia em sua narrativa, a escritora não apresenta apenas uma visão futurista ou ficção, mas possivelmente uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará a catástrofe e barbárie.

Esses diversos corpos apresentados nas narrativas de *Tianalva* são desterritorializados de si e de seu lugar, vítimas de um poder coronelista patriarcal, que tenta subjugar o outro, mas os personagens sempre buscam o seu lugar e o seu jeito de felicidade. Essa forma de denúncia social de acordo com Cândido (2000, p. 5), nada mais eficaz para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la, a narrativa distópica procura potencializar, num futuro próximo, as forças do presente que estão vencendo.

Nesse processo de crítica a sociedade moderna por meio de um olhar distópico na literatura, a cidade histórica de Cachoeira é o cenário onde os personagens e o meio social se relacionam. O totalitarismo é regido por uma classe social que subjuga o ser, e por meio da dominação cordial impede uma revolta desses seres oprimidos.

Nas narrativas de *Silva* as obras tratam de questões sociais mais específicas, não

deixando de serem temas universais, assim como era na distopia clássica, suas obras são importantes para refletir sociedade e auxiliar na construção da sociedade atual.

Diante do exposto, os contos das obras em estudo partem de uma construção consciente, pensando no enredo em que os personagens estão inseridos e como se dará sua personalidade e todo o seu desenvolvimento, o olhar feminino e as vozes que *Tianalva* traz em suas histórias são imprescindíveis para uma construção de uma narrativa rica e necessária para a literatura e a sociedade atual.

Conclusão

Trazer à baila a importância da escrita de si e a relação disso com outros corpos é a relevância desse trabalho, onde percebe-se o quanto a influência social e cultural influi vidas e deixa marcas. A autora que representa a voz e os modos de vida das mulheres cachoeiranas, carrega em sua memória, vivências de exclusão e silenciamento que ela e outras mulheres de Cachoeira vivenciaram, em especial as pretas, mulatas e periféricas.

Aqui, neste trabalho, expusemos corpos subjugados por uma sociedade patriarcal narrados pela memória de *Tianalva* através da ficcionalidade, mas que retratou por meio de suas personagens a opressão a que muitas mulheres vivenciaram. Narra essas formas de opressão é um ato feminista, pois não se cala, usa a literatura como forma de denúncia.

As personagens de *Tianalva* encontram caminhos para resistir e lutar por seus direitos e pela felicidade, ainda que sorrateiramente e pelas beiradas, elas defrontam e mostram que ainda há esperança. Em cada personagem há uma história de vida, um modo de opressão, uma prisão doméstica como destino: o fundo da cozinha. Mas, elas insistem em sair desse lugar e suas ações contagiam diversas mulheres em um movimento feminista.

Sendo assim, *Tianalva* consegue por meio de diversos personagens e de sua autobiografia criar um movimento feminista em Cachoeira, pois suas histórias de vida conseguem motivar pessoas na luta contra a violência de gênero e por uma sociedade equânime, ainda que precisemos lutar. Esperamos que a partir dessas discussões trazidas aqui possam servir como mais uma ferramenta de entendimento para discussões sobre a distopia por meio do estudo e pesquisa da literatura feminina e do feminismo.

Referências

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: Literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma narrativa única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: _____ (Org.). **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: **Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton**. São Paulo: Barcarolla, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- CUNHA, Helens et alii. **Desafiando o Cânone (2): ecos de vozes femininas na literatura brasileira século XIX**. Rio de Janeiro, 2001.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: _____. (Org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2008.
- DELCASTAGNÈ, Regina, LEAL, Virgíne Maria Vasconcelos (orgs.). **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.
- DELCASTAGNÈ, Regina, LICARÃO, Bertonni, NAKAGOME, Patrícia (orgs.). **Literatura e resistência**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.
- DELCASTAGNÈ, Regina, TENNINA, Lucía (orgs.). **Literatura e periferias**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.
- DELCASTAGNÈ, Regina, TOMAZ, Paulo C. (orgs.). **Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011.

DELCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Trad. Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRACCARO, Glaucia. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1971/1937)**. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2018.

FROMM, Erich. Posfácio (1961). In: **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo Afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da Margem ao Centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03art06.pdf>.

JOBIM, José Luis (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades**. São Paulo: FEA-USP, 2006.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Trad. Romulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. **A construção do feminino na literatura: representando a diferença**. *Brasiliana*, v. 3, n. 1, p. 288–312, 2014.

PEREIRA, Aurea da S. As cartas como dispositivo biográfico: saberes e aprendizagens de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino; DEMARTINE, Zeila de B. F.; GONÇALVES, Marlene(Orgs.). **Gênero, diversidade e resistência: escritas de si e experiências de empoderamento**. 1.ed. Curitiba, PR:CRV, 2016. p. 103-119

PEREIRA, Aurea da S.; MOTA, Kátia S. “Espaços biográficos”: o lugar das memórias autobiográficas. In: PEREIRA, Aurea da S. (Org.). **Práticas de pesquisa autobiográfica: letramentos, memórias e narrativas**. 1. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2015. p.108-117.

SILVA, Tíanalva. **Entre o rio e a praça**. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2018.

SILVA, Tíanalva. **Migrantes**. Cachoeira, BA: Cartoneiras de Iaiá, 2019.